

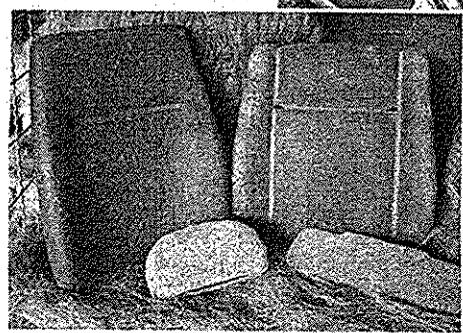
Américas

# Da Amazônia para as bolsas Hermès

POR MIRIAM JORDAN  
 Repórter do THE WALL STREET JOURNAL

**PONTA DE PEDRAS, Pará**—Durante a maior parte de sua vida, Henrique Bastos considerou os coqueiros que abundam nessa região uma praga. Eles cresciam por toda parte na Ilha de Marajó, no delta do rio Amazonas, mas atacadistas pagavam a ele uma miséria pela fruta.

Com 45 anos e pai de três filhos, Bastos chegou a queimar partes de seu coqueiral em vãs tentativas de produzir outras culturas no solo pouco fértil. Ao mesmo tempo, muitos de seus amigos abandonaram suas terras para tentar a vida nas cidades grandes. "Sobreviver era uma luta", diz Bastos.



Da casca do coco saem os bancos de caminhões Mercedes

Então, a DaimlerChrysler AG chegou com uma revelação transformadora: a casca do coco, considerada até então lixo, misturada à borracha natural poderia ser transformada em assentos de carros, encosto de cabeça e visores.

Agora, Bastos é membro de uma nova cooperativa com 3 mil agricultores que coletam e amaciam as fibras do coco e as processam em uma fábrica local instalada pela DaimlerChrysler e pelo governo federal. Ganhando cinco vezes mais do que no passado, Bastos trocou seu barraco por uma casa de material de três cômodos.

A história de Bastos é parte de um grande esforço de produzir o desenvolvimento sustentado da Floresta Amazônica e reduzir a pobreza da região. Desde os anos 70, a população muito pobre e sem acesso à educação vem contribuindo para a destruição da Amazônia — com trabalhadores aceitando ser pagos para queimar a floresta e derrubar árvores — porque precisam do dinheiro. Hoje, novas iniciativas de grandes corporações têm como meta reverter esse ciclo.

"Você só consegue impedir que os povos da floresta não a destruam dando a eles uma alternativa economicamente viável", diz Isabela Fortes, diretora comercial da Amazonlife, empresa do Rio de Janeiro que faz o treinamento de traba-

lhadores da região. Além da DaimlerChrysler, que quer desenvolver substitutos biodegradáveis para os materiais sintéticos, outras empresas estão tentando promover a preservação ambiental enquanto exploram um mercado emergente para produtos ecologicamente corretos. A linha de bolsas "Amazonia" vendida pela grife francesa Hermès é feita de borracha extraída por seringueiros tradicionais. Uma linha de batons vendida pela Aveda, uma divisão da Estée Lauder Cos., usa o pigmento avermelhado extraído do urucum cultivado por índios Yawanawa.

As empresas dizem que os programas não são necessariamente orientados para produzir lucros, mas para capturar parte do crescente mercado de produtos em sintonia com o meio ambiente. O retorno comercial, segunda elas, deve vir do próprio nome Amazônia. "A Floresta Amazônica tem conotações mágicas", diz John Forcash, executivo da firma de capital de risco A2R, de São Paulo, que investe em projetos ligados à ecologia. "Ela pode ser uma marca tão poderosa quanto a Coca-Cola."

O envolvimento da Daimler na Amazônia começou em 1992, quando a montadora contribuiu com US\$ 1,4 milhão para pesquisar o uso comercial de materiais crus como as fibras, óleos e borracha.

O sucesso do programa piloto na Ilha de Marajó incentivou a gigante automo-

bilística a pagar US\$ 2,5 milhões pelas máquinas de uma segunda fábrica de fibra de coco nos arredores de Belém. A fábrica, que começou a produzir em março, fornecerá bancos, encostos para a cabeça e os braços para todos os carros e caminhões Mercedes-Benz produzidos no Brasil.

Quando a fábrica alcançar sua capacidade de produção de 80 toneladas por mês em 2003, vai absorver a produção de 3 mil cultivadores de coco. A DaimlerChrysler prevê comprar cerca de metade da produção da fábrica. A Honda Motor Co. e a Volkswagen AG também manifestaram interesse em receber produtos de coco e borracha da fábrica.

O mercado de artigos de luxo foi mais fundo na selva brasileira no Acre. Lá, os seringueiros — muitos deles índios — estão sendo treinados em uma técnica que transforma o látex em um material conhecido como couro vegetal para bolsas, acessórios e jaquetas.

Cada dia, membros da tribo Kaxinawa embrenham-se na floresta para fazer cortes no tronco da seringueira e mais tarde coletar o látex que pingou em latas. Eles espalham o látex branco em tecidos de algodão esticados. O couro falso então é defumado sobre fogões rústicos para ganhar maleabilidade e um lustre marrom. Finalmente, é posto para secar em pequenos curtimes antes de fazer a viagem por canoa, caminhão e avião para as fábricas da Hermès em Paris.